

**ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
MINISTÉRIO DA SAÚDE**

**INFLUÊNCIA GENÉTICA X AMBIENTE NA CONSTITUIÇÃO DE UM
SUJEITO**

Brenda de Freitas Simões Pereira

Orientador: Maria Cecília de Araujo Carvalho

Rio de Janeiro- RJ

2013

Sumário:

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	1
2. HISTÓRICO DA PSIQUIATRIA.....	4
2.1 Psicopatia e Transtorno de Personalidade Antissocial.....	4
2.2 O desenvolvimento das neurociências: antecedentes históricos e conhecimento atual.....	5
2.3 As drogas psicotrópicas.....	9
3. TRANSTONO ANTISSOCIAL NA MÍDIA.....	12
3.1 Breve referencial histórico.....	12
3.2 A Difusão da Informação No Brasil Atualmente:.....	13
4. ANÁLISE DA HQ “A PIADA MORTAL”.....	18
4.1 A graphic novel.....	18
4.2 Enredo da Graphic Novel.....	19
5. Conclusão.....	23
6. Referências bibliográficas.....	25

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA:

Este estudo pretende debater a influência da genética e do ambiente na constituição de um sujeito. O estudo será desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica da literatura científica e de uma reflexão sobre a repercussão desta discussão no imaginário social, tomando como exemplo a abordagem ao tema realizada na graphic novel “A piada mortal” de Alan Moore, a qual foi escrita em um contexto no qual o trabalhador sentia-se descartado do seu papel da sociedade com o fim do estado de bem estar social, assim como personagem principal da graphic novel, o qual sofreu uma grande ruptura em seus laços sociais.

O estudo se justifica por pretender aprofundar a discussão em uma área cuja importância não é reconhecida pela maioria da população. Tem sido muito frequente a veiculação nos meios de comunicação de informações pretensamente “científicas” que entendem que a genética é o único fator que determina a “sanidade mental” dos sujeitos e, nesse sentido, é muito importante ampliar esta discussão trazendo diferentes visões, tais como a das correntes teóricas que associam nossas reações ao mundo e a ocorrência de transtornos mentais a meras atividades neuronais e processos químicos cerebrais (determinados exclusivamente pela genética) e a visão dos teóricos que além desses fatores incluem as experiências subjetivas do indivíduo e as influências do ambiente na constituição do sujeito.

2. HISTÓRICO DA PSIQUIATRIA

2.1 Psicopatia e Transtorno de Personalidade Antissocial

O conceito de Transtorno de Personalidade Antissocial, tão caro à discussão deste trabalho, tem antecedentes na história da psiquiatria, tendo em Kurt Schneider uma importante referência.

Segundo Kurt Schneider no ser humano distinguem-se três complexos de propriedade: 1- a inteligência e a vida dos sentimentos, 2- os impulsos corpóreos (vitais) e 3 - a personalidade. Esta última compreende os sentimentos, as tendências não corpóreas e a vontade. Esses três aspectos acham-se intimamente correlacionados, mas podem ser considerados isoladamente.

Para Schneider as personalidades anormais são variações de uma faixa média, um critério decisivo de termo médio e não uma norma de valor. Entre as personalidades anormais e os estados a serem classificados como normais há sempre transições sem limite algum. Das personalidades anormais Schneider distingue como personalidades psicopáticas aquelas que sofrem com sua anormalidade ou que assim fazem sofrer a sociedade. De acordo com essa concepção as personalidades anormais (e conseqüentemente as psicopáticas) não são, de forma alguma, “mórbidas”. Não existe nenhum fundamento para relacioná-las com enfermidades ou malformações. Seu correlato somático deveria ser considerado apenas como uma anormalidade quantitativa de estrutura ou função.

Com esse método de classificação de personalidades anormais Schneider dividiu as personalidades psicopáticas de acordo com suas características: psicopatas hipertímicos, depressivos, inseguros de si mesmos, fanáticos, carentes de si mesmos, carentes de afirmação, instáveis de ânimo, explosivos, insensíveis, abúlicos e astênicos.

Os conceitos de personalidade e o de psicopatias são resgatados pelos fenomenologistas na década de 1970. (Tavares e Barbosa, 2011). O manual de diagnóstico e estatística da associação de psiquiatria americana (DSM-IV-TR) aborda os transtornos de personalidade a partir de uma estrutura categorial poliética, pautada em

critérios operacionais, essencialmente descritivos, que não apresentam relação hierárquica entre si. O transtorno apresenta

Um padrão persistente de vivência íntima e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é generalizado e inflexível, tem início na adolescência ou no início da vida adulta, é estável ao longo do tempo e provoca sofrimento ou prejuízo, e se manifesta em pelo menos duas das seguintes áreas: cognição, afetividade, funcionamento interpessoal ou controle dos impulsos. (página x)

O diagnóstico é estabelecido pela constatação de um número mínimo de critérios positivos estabelecidos consensualmente por um painel de especialistas. Além disso, o DSM-IV-TR estabelece que os transtornos de personalidade são condições que se manifestam precocemente, comprometem os elementos estruturais da personalidade e acompanham o indivíduo ao longo da vida.

A Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (CID-10) também estabeleceu diretrizes gerais para caracterização dos transtornos de personalidade:

- 1-Atitudes e condutas marcadamente desarmônicas, envolvendo em várias áreas de funcionamento, por exemplo, afetividade, excitabilidade, controle dos impulsos, modos de percepção e de pensamento e estilo de relacionamento com os outros.
- 2-Padrão anormal de comportamento é permanente, de longa duração e não limitado a episódio de doença mental.
- 3-Padrão anormal de comportamento é invasivo e claramente mal-adaptativo para uma ampla série de situações pessoais e sociais.
- 4-Manifestações previamente listadas sempre aparecem durante a infância ou adolescência e continuam pela idade adulta.
- 5-Transtorno leva à angústia pessoal considerável, mas isso pode se tornar aparente apenas tardiamente em seu curso.
- 6-Transtorno é usual, mas não invariavelmente associado a problemas significativos no desempenho ocupacional e social.

2.2 O desenvolvimento das neurociências: antecedentes históricos e conhecimento atual

Thomas Willis, médico nascido em 1621, um dos pioneiros da pesquisa neuroanatômica, foi o primeiro a mapear os nervos pelos quais viajavam os impulsos elétricos, os quais Willis acreditava serem “espíritos animais”, que eram uma reflexão da alma humana (que se dividia em alma racional e alma sensitiva) e que viajavam através de trilhas do cérebro. Ele construiu uma nova ciência da alma, que combina o estudo anatômico do cérebro humano com comparações entre cérebros humanos e animais, experimentos, e observação médica. Seu objetivo era curar as doenças da alma.

O trabalho de Willis erigiu os quatro pilares sobre os quais o peso da neurociência se apoia hoje. O primeiro foi a descoberta do tráfego de espíritos animais por trilhas do cérebro e que as alterações químicas que estes sofriam afetavam tudo em nossas vidas desde a percepção até o ato de andar e dormir. O segundo foi a afirmação que os espíritos desempenham diferentes funções da alma ao se deslocarem pelas diferentes áreas do cérebro. O terceiro foi a demonstração de Willis de como o cérebro humano é semelhante ao de outros animais. O quarto foi à crença que todos os distúrbios do cérebro (neurológicos e psicológicos) podiam ser curados por meio da manipulação de átomos que o compunham.

Willis teve uma profunda influência sobre a maneira como pensamos a nosso respeito, porém também legou um paradoxo para a ciência moderna da alma. Ele acreditava que todo o seu trabalho demonstrava a existência de almas gêmeas no homem. A alma sensitiva que era material e assim sujeita a doenças como qualquer parte do corpo e a alma racional que era imaterial e imortal, ou seja, estava fora do escopo de Willis. Quanto mais se olha o trabalho de Willis, mais imprecisa fica a fronteira entre as duas almas, de fato ele chegou a afirmar que algumas doenças afetavam de fato a alma racional, sem jamais ter explicado como algo imaterial pode ser atingido por uma mera desordem de átomos.

Na década de 1630, quando a melancolia era tratada utilizando a astrologia, a magia renascentista, os quatro humores de Galeno e preces cristãs, Willis representou uma ruptura com os tratamentos tradicionais ao receitar seu famoso xarope de aço

prometendo que ele eliminaria do sangue os corpúsculos de sal e enxofre e “fecharia as boquinhas dos pequenos vasos do cérebro”. Willis também receitava conversas agradáveis, mas para ele estas tinham o mesmo efeito fisiológico do xarope de aço. Deve-se ressaltar que a medicina dessa época era puramente voltada para a cura, dando-se mínima atenção à prevenção da doença.

Muitos médicos que vieram depois seguiram os passos de Willis. No século XVIII, achou-se que o temperamento das pessoas podia ser alterado apertando nervos frouxos, no século XIX, químicos buscaram compostos de plantas que alterassem o sistema nervoso. Porém surgiram contradições para combater essa imagem do cérebro. Poetas Românticos, como William Blake, condenaram a esterilidade da ciência moderna, partilhando com Anne Conway o sonho de libertar a alma da tirania da matéria morta. No início século XIX, os quakers, de quem lady Conway era simpatizante construíram asilos para loucos onde o tratamento consistia em drogas ou repressão física. Eles curavam os loucos com “carinho imparcial”, conversando com eles. Essa relação médico e paciente ficou conhecida como psicoterapia e popularizou-se no século XIX. As drogas podiam curar certas doenças do cérebro, mas a histeria, a depressão e as psicoses continuavam incuráveis. Para muitos a psicoterapia soava como um tratamento mais eficaz e humano e pouco antes do final do século XIX surgiu seu mais ardente defensor: um neurologista vienense chamado Sigmund Freud.

Freud, depois de abandonar o hipnotismo passa a pedir a seus pacientes para contar-lhe qualquer pensamento que lhes viesse à mente, sem nenhuma censura, instaurando-se uma nova prática fundada na primazia da escuta e do relato. O tratamento para distúrbios mentais deixou o campo do toque e passou para o campo da fala, calando o médico e confiando ao enfermo a própria função de curar-se. Freud atribui a transformação do método catártico em psicanálise ao reconhecimento de alguns fatores: a elaboração da teoria do recalçamento e resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente. Freud, já reconhecendo a relação médico-paciente como motor principal do tratamento analítico passa a considerar a transferência eixo essencial, o próprio campo do tratamento. Ao acompanhar o percurso freudiano torna-se possível observar que a psicanálise se constituiu como um saber que rompeu com os

paradigmas de conhecimento existentes até então e se constituiu como um importante referencial para o entendimento dos fenômenos psíquicos. (Carvalho, 1995).

2.3 As drogas psicotrópicas

É fato que as drogas psiquiátricas fazem efeito sobre as reações químicas do cérebro, podem alterar o comportamento de um indivíduo que sofre de algum transtorno mental, e são alternativas a mais para o paciente, na medida em que lhes permite aliviar os sintomas da doença. Por exemplo, se um depressivo enxerga seu problema como uma simples deficiência de dopamina em seu cérebro, que pode ser corrigida e tornar seu cérebro parecido com o das pessoas saudáveis, a doença não lhe pertence mais do que um cálculo biliar, ou seja, distancia o paciente de muitas outras determinações que podem estar implicadas na sua condição atual.

Em “A Fantástica História do Cérebro”, Carl Zimmer destaca que a emoção pode ser separada completamente da razão, pois a emoção é o instinto mais básico do homem, que o afasta dos perigos e coisas desagradáveis presentes no meio em que está inserido e lhe aproxima de prêmios (sexo, comida, segurança, etc...).

O ressurgimento das drogas para o cérebro começou logo depois da segunda guerra mundial. Os neurocientistas descobriram que essas novas drogas eram capazes de alterar o nível de dopamina e outros neurotransmissores do cérebro. De uma hora para a outra, teve-se a impressão de que a cura para a loucura era apenas uma questão de ajuste do alambique do cérebro, exatamente como havia preconizado Willis.

Para Bezerra existem duas posições opostas em relação às determinações da saúde mental de um sujeito. A posição dos reducionistas e a dos antirreducionistas. De acordo com os reducionistas, é possível compreender, explicar e tratar a experiência subjetiva e sua complexidade atendo-se fundamentalmente à descrição de suas características biológicas. Eles acreditam que os sentimentos do indivíduo são resultados diretos da ação de neurônios.

Os antirreducionistas acreditam que embora indispensável para análise da experiência subjetiva, as bases biológicas não são suficientes para explicá-la inteiramente, sendo necessário que se levem em conta vários outros fatores como: ambiente, contexto social e a experiência para o entendimento de fenômenos relacionados ao sujeito.

Carvalho discute a influência de diferentes referenciais teóricos na questão da oposição físico /mental. Para Scheinckman o desenvolvimento crescente das neurociências parte do princípio que todo e qualquer comportamento é puramente biológico e todas as atividades realizadas pelo ser humano desde as funções mais básicas, até operações complexas são resultados de processos químicos ocorridos no cérebro sem influência do ambiente em que o indivíduo está inserido, sendo assim, propõe que a psicoterapia seja considerada um tratamento biológico focado na manutenção dos processos biológicos que ocorrem no cérebro do indivíduo.

Carvalho argumenta que a partir desse ponto de vista a psicoterapia perde toda a sua peculiaridade como meio de expressão de um discurso sobre o mental, o que está de acordo com os postulados reducionistas que equiparam atividade neuronal\atividade mental.

Ponto de vista oposto ao de Scheinckman é o de Bezerra Jr.: “Ser humano não é experimentar-se como suporte físico provisório de alguma forma de transcendência, mas não é tampouco apenas possuir um equipamento físico característico de uma determinada espécie animal. Ser humano é ser um sujeito, e isto significa poder descrever a si próprio e seus semelhantes por um vocabulário que não descreve marcas ou características físicas por mais complexas que sejam: neurotransmissores, diencéfalo ou genes são a base para a descrição da espécie animal humana, mas não dos humanos enquanto sujeitos. Para descrever o sujeito é preciso fazer uso de um vocabulário intencional, mental, ou psicológico; falar de crenças, desejos, medos, expectativas, sonhos, ideais, vergonha, ódio, amor, cinismo, escrúpulos, audácia, etc. coisas que só se constituem e são experimentadas por meio da linguagem, portanto, da interação, da cultura, da história.”.

(Bezerra Jr.1994, p 1248)

De acordo com a discussão empreendida acima, não é possível analisar o transtorno de personalidade, atendo-se somente as pré-disposições biológicas e genéticas, ou apenas aos fatores presentes no meio em que o indivíduo está inserido, e que para analisar um caso de personalidade psicopática é preciso considerar o cérebro em toda a sua complexidade e também as experiências e memórias do indivíduo, sem jamais estabelecer uma regra estrita e imutável, pois o cérebro humano em si é um

mecanismo complexo resultante de milhares de anos de evolução, refinação de informação e adaptação.

3. TRANSTONO ANTISOCIAL NA MÍDIA

3.1 Breve referencial histórico:

Há uma relação estreita entre a discussão do conhecimento e a imprensa, tendo início com a impressão. Em toda a sua história a imprensa atua como formadora de opiniões e meio de veiculação de informações, cuja importância já era apreciada em círculos políticos e científicos do século XVII.

Michel Serres (ver como citar) um filósofo atuante na análise das relações entre ciência, pensamento e sociedade afirma que ao contrário do que circula nos meios ditos leigos, a qualidade de referência de uma ciência não vem de um salto mortal pra fora da sociedade, do rompimento com as convenções ou das conexões, mas da segurança das referências circulantes, da extensão das mudanças que estão em jogo, do número de interlocutores que atrai, da habilidade de seus difusores em convencer os outros.

Bruno Latour (2001) afirma que estas são alianças necessárias que se traduzem no empenho de deixar o público interessado, nos seus textos afirma: “Sem colegas e sem um mundo um pesquisador custaria pouco e não valeria nada”.

A importância da informação foi ressaltada novamente na sociedade industrial do século XIX com a expansão nos meios de comunicação estreitou ainda mais a relação da informação com a organização e construção tecnológica da sociedade e a com a ciência. Desde o século XIX, as relações entre ciência e poder, vida e morte, deixam de ser um assunto a ser discutido pela moral e passam a ser um campo de domínio científico assim como outros conceitos diversos da sociedade sejam eles morais ou tecnológicos.

A ciência é um campo em eterna reformulação e modificação cujos erros constroem seu progresso. A ciência trabalha com a certeza e o critério de legitimidade científico está altamente ligado ao autor.

3.2 A Difusão da Informação No Brasil Atualmente:

Para os estudiosos da divulgação científica, o modelo de abordagem que seguimos no Brasil é denominado “Modelo de Déficit” que supõe que a população é formada por um conjunto de ignorantes, analfabetos em ciência, pouco capazes de articulações mais sofisticadas, que devem receber apenas o conteúdo empobrecido de um conhecimento descontextualizado e reduzido. Aspectos polêmicos, assim como a apresentação das interfaces entre ciência e cultura, muito raramente aparecem, o que classifica como muito primário o nosso modelo de divulgação científica. (Tucherman)

No Brasil, cada vez mais revistas, jornais e programas de televisão, buscando manterem-se atuais, criam seções e reportagens dedicadas à difusão de informações científicas, muitas vezes divulgando pesquisas que não estão de acordo com a realidade. Isto se deve à influência de pressões políticas e de pesquisas mal direcionadas, sendo importante ressaltar que a relevância da informação tem relação direta com o contexto na qual está inserida, pois a própria ciência se constrói neste mesmo contexto. (referência)

No mundo contemporâneo, podemos reconhecer a influência das tecnociências no quadro científico atual no qual se inscrevem campos de problematização da vida e do corpo que produzem talvez mais fascinação do que interesse. (explica aí) Essas tecnociências têm características próprias do seu tempo: pertencem ao universo do espetáculo, o que acrescenta um protagonismo particular a seus agentes, assim como aos participantes das alianças discursivas. Um bom exemplo foi o da divulgação dos primeiros resultados do projeto “Genoma”, que foram divulgados, ao mesmo tempo, pelo então presidente dos EUA, Bill Clinton, e pelo diretor do laboratório Celera com o seguinte texto: “Conhecemos agora a linguagem com que Deus Criou a vida.”, muito mais próximo de uma linguagem de um sermão religioso do que de uma divulgação científica. (Tucherman)

O patrocínio exerce uma pressão às pesquisas devido ao financiamento necessário para realizá-las, fazendo com que resultados precipitados ou sem a devida análise de seus efeitos na vida social e comportamentos sejam divulgados, ou seja, o que era um meio de legitimar informações em um domínio de saber comum, passou a ser atropelado pelos interesses empresariais que cercam a pesquisa.

Marialva Barbosa (apud) afirma que o público como consumidor cultural realiza múltiplos usos do material apresentado na mídia, sendo possível dizer que o papel da televisão na sociedade contemporânea não se reduz a conformar a realidade social. Produzindo e reproduzindo significados plurais, elaborando respostas, a narrativa televisual constrói réplicas significativas e inteligíveis dentro do universo cultural de seus públicos.

Apesar dessa afirmação, é importante ressaltar o papel dos meios de comunicação, não como um espelho da realidade, mas como um produtor de significados, que vão determinar a constituição daquilo que chamamos de realidade.

É importante ressaltar o papel da televisão como meio de comunicação tanto para a informação, quanto para o entretenimento, tendo um grande papel no imaginário social, destacando também a legitimidade das informações veiculadas por esse meio, que possuem alto grau de aceitação da população.

Mesmo com a divisão e classificação dos gêneros residuais, observa-se um embaralhamento de sentidos. O ficcional reproduz dados da realidade objetiva, da mesma forma que o informacional contém réplicas de um mundo figurado. Mas essa mistura constitui para o público uma representação conhecida e reconhecida da existência. Também o mundo em que ele vive não separa em lugares estanques o sério e o risível, o real e o ficcional. (Barbosa)

Leão, em seu trabalho de conclusão de curso, discorre sobre a retratação dos portadores de transtornos de personalidade antissocial que por possuir características como agressividade, falta de empatia, facilidade ao mentir e facilidade de manipular as pessoas a seu redor são bem explorados pelos roteiristas.

É citada a retratação do transtorno de personalidade antissocial em diversas mídias, cinemas, novelas, seriados. Os ditos psicopatas, por suas características são os vilões perfeitos para estrelar várias tramas, muitas vezes não só explorando o transtorno do personagem, mas também o retratando como um serial killer devido ao transtorno como em filmes como “Psicose” e “Seven” ou em novelas como “Insensato coração” exibido pela Rede Globo em 2011. Porém a retratação dos psicopatas não se limita só a vilões. Na série “Dexter” é contada a história de um Serial Killer que trabalha como especialista forense e é considerado o herói da história ao matar os bandidos que a polícia não consegue prender. Essa vasta exploração do transtorno de personalidade antissocial mostra que o público tem um grande interesse pelo tema, caso o contrário ele não seria aceito e logo não seria explorado pelos roteiristas.

Leão explica esse interesse do público citando o psicanalista Elie Cheniaux: “Esse interesse pode ser explicado por termos dentro de nós impulsos sexuais e agressivos, mas que não são transformados em ações que coincidem com essa natureza na maioria dos casos porque são impulsos reprimidos por nossa consciência moral e pelo fato de respeitarmos as regras”. E vendo as ações desses personagens nos identificamos com eles e de forma fantasiosa e inconsciente, segundo Freud, satisfazemos esses impulsos.

No entanto na maioria de abordagens a esse tema, cria-se um estereótipo de que os portadores do transtorno de personalidade antissocial por serem seres cruéis e malignos por natureza devem ser temidos e excluídos. Os roteiristas abordam o tema buscando elementos artísticos com o objetivo de prender a atenção do público (por tratar-se de uma ficção) e não de informá-lo sobre o transtorno abordado, assim impondo ao público a tarefa de diferenciar a imagem apresentada na mídia da imagem real.

A doença mental já possui certo estigma na sociedade que relaciona doença e criminalidade, o que se mostra muitas vezes equivocado.

Deve-se destacar a influência da mídia como formadora de opinião e forma de controle do comportamento da sociedade atual, e o fato do sistema capitalista influenciar nas ideias midiáticas, com o enfoque de chamar atenção e não de informá-la,

mesmo que para isso omitir fatos ou descontextualiza-los, com o objetivo de conquistar o público-alvo e obter lucro.

A exploração do tema deve-se também a curiosidade da população a cerca do transtorno uma vez que esse foge ao comportamento normal da maioria da população, e embora as imagens retratadas na ficção contribuam para a construção de uma opinião a cerca do transtorno, elas tem pouca veracidade na realidade cotidiana. Porém quando os meios ditos científicos abordam o tema com o objetivo de explicar o transtorno para o meio leigo, as pessoas aceitam com maior facilidade a imagem retrada nesse meio, sem pensar que este também procura prender a atenção do telespectador e assim obter lucro, mesmo que distorcendo os fatos. Ou seja, a retração do transtorno não é voltada à informação, mas sim ao lucro, causando um estereótipo muitas vezes equivocado e sem ligação com a vida prática.

Leão cita na mídia impressa o livro “Mentes Perigosas- o psicopata mora ao lado” (2008), que apesar de desassociar o psicopata do serial killer e mostrar que ele pode ser uma pessoa comum, cria uma certa generalização do assunto a ensinar equivocadamente a identificar um psicopata, criando a ideia de que estamos cercados por eles e fundindo a imagem do psicopata com a pessoa de má índole.

Os meios impressos de mídia tem uma credibilidade maior pelo fato de poderem ser utilizados como documento histórico, e dentre esses meios, o que é mais aceito são as revistas semanais ou mensais, que direcionam suas matérias para um segmento específico da população, criando assim uma maior proximidade entre revista e leitor.

A divulgação de informações científicas em si, já é complexa, pois se trata de reduzir fatos complexos que às vezes nem são compreendidos em sua totalidade pelo próprio meio científico, à uma explicação simples que pode ser difundida no meio leigo, e isso é feito por várias pessoas de diferentes setores com objetivos diferentes, e isso em si já contribui para que o fato e a notícia se distanciem. Além disso, o fato do lucro ser objetivado mais do que a informação faz com que os meios de comunicação acabem adotando uma imagem do transtorno mais parecida com a ficção do que com a realidade, formando assim uma imagem equivocado do transtorno por parte da população, além de que majoritariamente o transtorno é tratado de acordo com a ideia reducionista, ou seja, de que o transtorno não possui ligação alguma com o ambiente em

que o sujeito está inserido, definindo o transtorno puramente pela predisposição genética.

4. ANALISE DA HQ “A PIADA MORTAL”

4.1. A graphic novel

A HQ “A piada mortal” é uma das histórias que pertencem à série de quadrinhos da revista “Batman”, que foi originada da série de quadrinhos chamada “Detective Comics” publicada mensalmente pela empresa de quadrinhos DC Comics desde 1937. Seu personagem principal é Batman, também conhecido como Bruce Wayne (identidade secreta do Héroi) que foi introduzido em 1939 na 27ª edição da Detective Comics. O personagem principal, porém, não é o foco da edição utilizada para este estudo, mas sim o antagonista da série de quadrinhos, o vilão conhecido como Coringa ou Joker, que surgiu na série de quadrinhos Batman em 1940, na primeira edição da revista. O personagem Coringa foi criado por Jerry Robinson, Bill Finger e Bob Kane.

Batman: The Killing Joke ou Batman: A Piada Mortal é uma graphic Novel em edição única, escrita por Alan Moore, autor conhecido por histórias mais macabras do que geralmente é explorado nos quadrinhos, e desenhada por Brian Bolland, que foi publicada pela DC Comics em 1988 e será o objeto de análise desse estudo.

Ela é composta por vários personagens: Coringa o personagem principal dessa trama; Bruce Wayne, o herói que atua como vigilante da cidade com o nome de Batman; Alfred o mordomo de Bruce Wayne que o ajuda em seu trabalho como vigilante; o comissário de policia da cidade Tim Gordon; sua filha Barbara Gordon que secretamente atua como vigilante ao lado de Batman com o nome de BatGirl, além de personagens secundários não identificados.

4.2 Enredo da Graphic Novel.

A graphic novel relata a origem do Coringa e ao mesmo tempo um crime cometido por este para provar sua tese de que até o cidadão mais equilibrado pode perder a sanidade em apenas um dia ruim.

A graphic Novel começa com a ida do Batman até o asilo Arkham, uma espécie de prisão e sanatório onde estão presos os criminosos insanos da cidade. Lá ele passa por vários vilões conhecidos por outras edições dessa série de quadrinho, até chegar à cela do Coringa, onde tenta dialogar com ele para que os dois parem com a guerra que já travam há muitos anos, porém Batman descobre que a pessoa com a qual ele estava conversando na verdade era um impostor. Coringa havia novamente fugido do asilo Arkham. E assim a história prossegue relatando fatos tanto do presente quanto do passado.

O vilão conhecido como Coringa na verdade era um cidadão comum, um comediante que não conseguia fazer as pessoas rirem e, por isso, não conseguia arrumar emprego e sustentar a esposa grávida que estava perto de dar a luz. Desesperado, ele concordou em participar de um assalto a uma indústria química, da qual ele havia sido despedido recentemente, junto com uma quadrilha de criminosos de sua cidade (Gotham City). No entanto, quando ele está relutantemente terminando de combinar os detalhes do assalto em um bar, ele é chamado para fora do estabelecimento por um policial que comunica a morte de sua esposa devido ao acidente elétrico com o aquecedor de mamadeiras. Agora sozinho, ele não tem motivo para continuar com os planos do assalto, porém ele é ameaçado e coagido a participar mesmo assim. Quando Coringa e a quadrilha chegam ao local do assalto, um dos criminosos manda que ele vista uma máscara vermelha para imitar outro vilão da cidade. A máscara dificulta a visão do Coringa, mas apesar disso ele guia a quadrilha pela fábrica, até o aparecimento da polícia, que de um lugar estratégico, atira e mata quase todos os criminosos, menos Coringa que correu em pânico. Nessa hora Batman aparece e ordena que a polícia pare de atirar e corre em perseguição ao Coringa, que ele acredita que se tratar do vilão apelidado de “Capuz Vermelho”. Em certo momento, Coringa se vê encurralado entre Batman e a varanda que dava para o rio que era usado para o despejo de químicos da empresa. Com a visão prejudicada pela máscara Coringa ameaça pular se Batman se aproximar mais, quando o herói tenta agarrá-lo, ele se joga da varanda e cai no rio. Ele

nada para a margem sofrendo muita dor devido ao contato dos produtos químicos presentes no rio em sua pele, e quando tira o capacete para ver o quanto sua pele está danificada e percebe que sua aparência está totalmente deformada (sua pele está totalmente branca, seus cabelos verdes) e começa a rir loucamente, marcando o enlouquecimento desse personagem e dando origem ao vilão “Coringa”.

Ao mesmo tempo a graphic novel mostra Coringa comprando um parque de diversões abandonado para executar seu plano de vingança. Ele e sua quadrilha, formada por personagens de circo que são aberrações humanas vão até a residência da família Gordon, sequestram o comissário de polícia Tim Gordon, atiram em sua filha Barbara Gordon e tiram fotos da moça nua e agonizante. Barbara sobrevive e Batman a visita no hospital, onde descobrimos que a personagem provavelmente nunca mais será capaz de andar. Barbara acorda chorando em pânico afirmando que o Coringa foi longe demais dessa vez e pede a Batman que encontre o seu pai imediatamente. Enquanto isso o Coringa, que levava Gordon para seus parque de diversões, obriga o comissário andar despido em um brinquedo, um trem fantasma, vendo fotos de sua filha sangrando e agonizando, ouvindo o vilão cantar uma música alegre cujo refrão é “Como é bom ser louco”, enquanto diz que fará o comissário enlouquecer.

Atendendo ao pedido de Barbara Batman passa a interrogar vários vilões da cidade em busca do Coringa, mas é interrompido por um chamado da delegacia, onde os policiais lhe entregam um ingresso para um parque de diversões. O herói chega ao parque e todos os membros da quadrilha fogem, menos o Coringa, que já o esperava ansiosamente, que corre pra dentro da “Fun House” tentando atrair o herói. Batman socorre Gordon e diz que vai tirá-lo dali, porém Gordon pede que ele vá atrás do Coringa para prendê-lo e provar que o sistema de justiça ainda funciona. Enquanto persegue o Coringa pela Fun House, Batman discute com o vilão, que acredita ter enlouquecido o comissário, porém Batman comunica que o comissário não enlouquecera. No fim da graphic novel Batman oferece ajuda a Coringa, ressaltando que eles eram duas pessoas que nem se conhecem e que acabariam matando um ao outro. Coringa ri e se desculpa, pois aquela situação lhe trazia a recordação de uma piada. Dois loucos que vivem no hospício resolvem fugir pelo telhado pulando de um prédio ao outro. O primeiro pula, mas o segundo fica com medo, então o primeiro diz que vai acender a lanterna para o segundo poder escalar pelo feixe de luz. O segundo louco diz : Você está louco?! E se você apagar a luz antes de eu chegar ao outro lado? Batman e Coringa riem juntos e assim termina a graphic novel.

A tese do Coringa parte do princípio que o estado natural do indivíduo, é a insanidade, a imprevisibilidade, e que sendo assim basta apenas um dia para enlouquecer qualquer pessoa já que eles vivem em um mundo louco. Porém, existe uma contradição na própria teoria do personagem. Coringa não enlouqueceu apenas devido à morte de sua família e do acidente da indústria química, não foram apenas os eventos de um dia específico, porque antes disso ele já estava passando por uma situação desesperadora com o fato não conseguir se sustentar com a carreira escolhida. Na graphic novel fica clara a sua frustração e como o acredita ser um homem fracassado impossibilitado de conseguir um emprego, fazendo com que ele se sinta inútil e desnecessário. O desemprego, a falta, da família e a perda de sua aparência original, arrancaram do personagem qualquer resquício que ele poderia ter de sua identidade, criando assim outro indivíduo, o Coringa.

A arte da graphic novel é composta por cores sombrias e desenhada de forma que o leitor acompanhe as ações dos personagens, transportando o leitor para o mundo louco e sombrio descrito pelo Coringa. Ela também é escrita fazendo o uso de pontes temporais, que é um recurso onde a história é contada mostrando o passado e o presente ao mesmo tempo, para que o leitor possa fazer uma ligação entre estes.

A situação do Coringa um personagem sem nome, idade, ou qualquer coisa que o identifique a um grupo específico, a não ser pela situação de penúria devida ao desemprego, permitiu uma grande identificação do público com o personagem.

A graphic novel também usa elementos que estimulam a curiosidade do leitor sobre o transtorno mental do personagem e as influências que certos tipos de situação podem causar à saúde mental de um sujeito, trazendo assim uma certa empatia pelo personagem, porém sem apresentar uma justificativa para seus atos, ao demonstrar um personagem diferente passando por um outro tipo de situação traumática e não simbolizar o trauma de forma que prejudique a sociedade em que estes estão inseridos. A forma em que a HQ coloca lado a lado duas situações relativamente semelhantes que culminam em resultados diferentes demonstra como o desenvolvimento de um transtorno mental pode ocorrer de forma totalmente aleatória com infinitas variáveis, de modo que o transtorno mental não pode ser padronizado e entendido com base em

apenas um, ou até mesmo um grupo de indivíduos, mas sim, que o transtorno mental é um fenômeno particular que varia de pessoa pra pessoa. (reescrever explicando melhor)

5. Conclusão

De acordo com os conceitos vistos no capítulo 2 deste estudo, penso que Coringa pode receber o diagnóstico de transtorno de personalidade antissocial, pois ele “sofre com seu transtorno ou faz sofrer a sociedade”. Na HQ a raiz do transtorno do Coringa é uma situação completamente específica que o faz sentir tamanho distanciamento da sociedade, que ele desenvolve o transtorno de personalidade antissocial. Ele passa por uma série de eventos traumáticos que o afetam de tal maneira que ele perde a própria identidade como indivíduo, tornando-se assim um vilão sem a menor empatia pelas outras pessoas, pois sem sua identidade ele não possuía mais nenhuma ligação com a sociedade assim não tem empatia ou sentimentos fraternos que as pessoas geralmente sentem em relação ao próximo, que motivam frases como: “Ele não pode ser tratado assim, ele ainda é uma pessoa”. Como pessoas, nós temos esse instinto natural de cooperar com nossos semelhantes, porém a essa altura de sua vida o Coringa já não reconhecia mais essa ligação com a sociedade tornando-se assim um “agente do caos”, considerando o caos o único padrão a ser seguido nesse mundo

louco que o fez sofrer tanto mesmo se comportando -se de acordo com as regras da sociedade.

No entanto, a trama da graphic novel, também deixa claro que não existe um padrão de situação, por mais traumática que seja que vá determinar o desenvolvimento de um transtorno mental e nem que consequências esse transtorno causará no indivíduo que o desenvolveu, ou na sociedade na qual este se insere o que está de acordo com a teoria antirreducionista, que considera que um evento como um surto psicótico ou o desenvolvimento de transtorno mental, é um fato sem explicação concreta por ter infinitas variáveis de acordo com o ambiente e tendência genética do indivíduo. Isso fica claro pelo fato do personagem Tim Gordon, mesmo depois de passar pela experiência traumática imposta pelo Coringa, continuar, apesar de abatido, com a personalidade inalterada e ainda desejar a prisão e o julgamento do adversário, ou seja, ainda ter sua identidade preservada e ainda se considerar um indivíduo ligado à sociedade, considerando válidas as normas e padrões dessa sociedade, e agindo de acordo com estas.

Ao longo deste estudo, tive a oportunidade de analisar diferentes opiniões sobre o que influenciaria a sanidade de uma pessoa: alguns consideram-na a culminação de vários fatores biológicos, e outro a consideram muito mais complexa e variável, levando em consideração as experiências do indivíduo, além de sua hereditariedade genética. Depois de observar como o transtorno de personalidade antissocial, é tratado na mídia e analisar uma graphic novel, a conclusão a que posso chegar é que nem o ambiente e nem a genética irão definir sozinhos o rumo da sanidade de um grupo ou de apenas uma pessoa, mas sim diversos fatores em uma situação extremamente específica que vai variar de acordo com o indivíduo..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bezerra, B. HÁ FATOS QUE RESISTEM A EXPLICAÇÕES SIMPLES. Revista poli: jun.2011. maio\junho.

Bernardo, Tiago Monteiro ANOMIA, OUTSIDERS. Revista O Olho da História, nº16, julho de 2011, Salvador (BA)

Carvalho, M. C (mimeo) .

Zimmer, Carl A FANTÁSTICA HISTÓRIA DO CÉREBRO, 2004 livro a fantástica história do cérebro.

Schneider, Kurt, PERSONALIDADES PSICOPÁTICAS., livro psicopatologia clínica.

Carvalho.M.C.A Sobre a formação teórica de médicos psiquiatras: Um estudo na rede de saúde de Niterói. Dissertação de mestrado, PUC-Rio, 1995

TAVARES, Hermano; FERRAZ, Renata Barboza. Transtornos da personalidade. In: MIGUEL, Eurípedes Constantino; GENTIL, Valentim; GATTAZ, Wagner Farid. **Clínica psiquiátrica**. Barueri, SP: Manole, 2011. cap. 76, p. 1051-1064.OMS.

CID-10: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. 10 ed. São Paulo: EdUSP, 1993. v. 1

